



## Tecnologias e competências digitais no Jornalismo brasileiro: construção de um protocolo de pesquisa em rede

**Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco<sup>1</sup>.**  
Universidade Federal do Paraná - UFPR.

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir um protocolo de pesquisa nacional em rede sobre tecnologias e competências digitais de estudantes de Jornalismo. Especificamente, pretende-se refletir sobre a *Digital Journalism Studies* como uma área de pesquisa generalista dentro do campo de estudos do Jornalismo; apresentar um ensaio sobre tecnologias e competências digitais no âmbito do Jornalismo; refletir sobre as redes de pesquisa e a pesquisa em rede na ciência brasileira; e apresentar um protótipo de um protocolo de pesquisa sobre tecnologias e competências digitais. Para discutir este contexto e propor o protocolo, apresenta algumas reflexões elaboradas a partir de revisão documental e bibliográfica, caucada em referencial produzido no próprio âmbito da Rede JorTec, bem como de instituições e atores fomentadores da pesquisa brasileira.

**Palavras-chave:** Ciberjornalismo; Ciência e Tecnologia; Redes Científicas; Grupos de Pesquisa; Pesquisa em Rede.

### Introdução

O objetivo deste artigo é discutir um protocolo de pesquisa nacional em rede sobre tecnologias e competências digitais de estudantes de Jornalismo. Especificamente, pretende-se refletir sobre a *Digital Journalism Studies* como uma área de pesquisa generalista dentro do campo de estudos do Jornalismo; apresentar um ensaio sobre pesquisas de tecnologias e competências digitais no âmbito do Jornalismo; refletir sobre

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto do Departamento de Ciência e Gestão da Informação da UFPR e Coordenador da Rede JorTec/SBPJor. Doutor em Ciências da Comunicação pela USP com pós-doutorado na Universidad Complutense de Madrid. E-mail: [rodrigobotelho@ufpr.br](mailto:rodrigobotelho@ufpr.br).

as redes de pesquisa e a pesquisa em rede na ciência brasileira; e apresentar um protótipo de um protocolo de pesquisa sobre tecnologias e competências digitais.

A proposta surge a partir dos princípios e da história da Rede de Pesquisa Aplicada Jornalismo e Tecnologias Digitais (JorTec), vinculada à Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), que, ao longo de mais de uma década, vem reunindo pesquisadores interessados em um cenário disruptivo e experimental vivenciado pelo Jornalismo a partir da popularização das tecnologias informáticas.

Com uma produção científica marcada pela atuação direta de seus pesquisadores e por estratégias coletivas (BOTELHO-FRANCISCO, LONGHI e OLIVEIRA, 2019), a JorTec acumula, de 2007 a 2019, 23 mesas coordenadas organizadas no âmbito dos encontros da SBPJor, além de quatro livros publicados e um projeto de pesquisa financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Este resultado reflete um trabalho colaborativo e aberto, uma vez que a Rede não tem uma constituição jurídica. A partir destes princípios, o grupo se manteve ao longo dos anos sem qualquer tipo de formalidade regimental, mantendo a titularidade de coordenação apenas por uma questão de representatividade. Ou seja, a produção científica da JorTec se dá no contato e colaboração entre pesquisadores e na capilaridade de sua representatividade, uma vez que ela tem tido a participação de pesquisadores de todas as regiões do país em seus eventos.

Dada sua característica aberta, os desafios da JorTec, assim como de outros grupos e redes de pesquisa, residem na capacidade de manutenção do vínculo do grupo, bem como num tipo de articulação que responda não só à uma agenda de pesquisa no terreno de seus estudos, como à agenda de pesquisa da sociedade e, mais diretamente, das agências de fomento. Trata-se de um exercício importante de aproximações e negociações de temas, métodos e perspectivas de trabalho diversas, que necessitam de consensos para execução de pesquisas em conjunto. Disso depende não só o diálogo numa ideia de Ciência Cidadã e Aberta, mas da própria natureza do financiamento científico e tecnológico.

A Ciência Aberta, por sua vez, é um dos desafios mais prementes da sociedade contemporânea. Fenômenos como os da desinformação e infodemias são um alerta para a importância do diálogo da Academia com a Sociedade sobre suas agendas de

investigação e sobre os limites e o papel da Ciência no desenvolvimento científico e tecnológico. A pandemia do novo coronavírus tem provado o quão esse debate estava fragilizado no Brasil e o quanto a Ciência ainda não é algo que faz parte do noticiário e da vida cidadã, numa perspectiva de que se espere dela as respostas cabíveis dentro de seus limites e controvérsias, compreensíveis e sintonizadas com o tempo.

Ademais destas justificativas, que por si só demonstram a oportunidade de atuação conjunta de pesquisadores em torno de uma agenda coletiva, há que destacar a interdisciplinaridade que é requerida pelos fenômenos do paradigma digital, que, apesar de historicamente ligado ao terreno da Informática, tem implicações para todas as áreas do saber, que, de uma forma ou outra, são provocadas a pensar em câmbios.

Para discutir este contexto e chegar até o protocolo que se propõe, este artigo irá apresentar algumas reflexões elaboradas a partir de revisão documental e bibliográfica, caucada em referencial produzido no próprio âmbito da Rede JorTec, bem como de instituições e atores fomentadores da pesquisa brasileira..

## **1. A centralidade do digital na constituição do Jornalismo contemporâneo**

Ao longo dos primeiros anos do advento e da popularização da Informática, e mais especificamente, da Internet, o Jornalismo viu-se sendo provocado a repensar suas práticas, perpassadas tanto pela inserção das tecnologias digitais na mediação de seus processos produtivos e na disseminação e interação com seus conteúdos, como, mais que isso, numa mudança de paradigmas para Comunicação. Neste exercício, surgiram não só nomenclaturas, como, a partir de algumas visões da ciência jornalística, uma sub-área, seja ela qual terminologia veio consolidar: Jornalismo Online; Jornalismo Digital; Ciberjornalismo. Neste sentido, surpreende a afirmação de Salaverría (2019, p. 3: tradução nossa), “mais de duas décadas depois de empreender seus primeiros passos, o Jornalismo praticado por meios digitais continua sem um nome acordado entre seus pesquisadores internacionais”.

Com o avançar do tempo e das mesmas tecnologias estudadas, a questão não parece ser mais o digital como uma área, mas como constituição do próprio fenômeno.

Ou seja, é possível falar em Jornalismo sem que esta reflexão seja perpassada pela lógica do digital? Todo Jornalismo é digital? Ainda faz sentido chamá-lo de digital?

Portanto, não seria o Ciberjornalismo o próprio Jornalismo em suas formas de consubstanciação no contemporâneo? Diferente do Jornalismo Impresso, Radiofônico, Televisivo e do Jornalismo Científico, Esportivo, Cultural, o Ciberjornalismo é a própria reflexão da *práxis*. Perpassa todas as demais.

Esta provocação não pretende, por outro lado, sinalizar uma derrocada dos estudos de Ciberjornalismo, senão, ao contrário, ressaltar sua emergência não como uma área, mas como um princípio generalista e de gênese do Jornalismo contemporâneo.

O argumento demonstra que os estudos em Ciberjornalismo são desafiados, numa nova fase de sua configuração, a ir além de estudos de tecnologias, linguagens e processos, ampliando suas perspectivas para um cenário inovativo, que enxerga no digital um paradigma aberto, propenso a colaborar com a área como um todo, seja no Jornalismo segmentado, seja em relação a seus suportes, seja em relação às teorias que o fundamentam e os conhecimentos, habilidades e atitudes de seus protagonistas.

Também não se trata de pensar o futuro do Jornalismo, mas de pensar numa mudança de paradigma que já ocorreu e já determina e é determinada por sua existência. A metáfora do “novo” ou “futuro” já não cabe. Percebe-se, ao contrário, que a fluidez, volatilidade, abertura, pervasividade e as demais características das tecnologias digitais precisam ser pensadas de um ponto de vista mais pragmático e menos “futorologista”, previsionista ou ensaísta.

O próprio Jornalismo, aliás, precisa ser visto, ao lado das tecnologias digitais, como uma tecnologia, não neutra, determinada e determinante, envolta nas controvérsias científico-tecnológicas. Assim, faz-se necessário abrir a “caixa-preta” a que se refere Latour (2001) ao falar do encerramento do conhecimento científico e tecnológico, mesmo que isto signifique, como na mitologia grega, um tipo de Caixa de Pandora, que, tendo deixado escapar todos os males do mundo de dentro de si, ainda reserva a esperança, ali guardada, com todos os mistérios acerca disto.

Os estudos de Ciberjornalismo, neste sentido, requerem uma vigilância constante, de forma a não se contentar com um *status quo* científico, desafiado a

avançar em sintonia com os diferentes espaço e tempo do desenvolvimento científico e tecnológico. Com alertam Karlsson e Sjøvaag (2016, p. 1, tradução nossa):

Enquanto a teoria do jornalismo realmente foi avançando, infelizmente não se pode dizer o mesmo sobre metodologias usadas na pesquisa em Jornalismo. Ao contrário, os conceitos tradicionais de emissor, canal, mensagem e destinatário ainda são os pontos de partida mais comuns para muita pesquisa em jornalismo. Isso também é válido para a maioria das pesquisas de Jornalismo Digital e Online, apesar dos muitos desafios metodológicos que se seguem das características da mídia digital e do Jornalismo digital.

Os autores alertam para a reinvenção necessária no âmbito do Jornalismo, que, para ser avaliado adequadamente, segundo Karlsson e Sjøvaag (2016, p. 1, tradução nossa), precisa de métodos de pesquisa avaliados, ajustados, redesenhados e até mesmo inventados. “Essa idéia está longe de ser nova, pois a inovação metodológica já ocorreu anteriormente e, mais importante, revitalizou o campo”.

Para Salaverría (2019, p.15-16: tradução nossa), o Ciberjornalismo segue tendo desafios que superar e aspectos da pesquisa sobre meios digitais que necessitam ser renovados. Para ele são cinco aspectos: 1) avançar em uma pesquisa "digital", compreendendo aquela que transcende a pesquisa em relação a outras plataformas e se concentra no estudo exclusivo da mídia digital; 2) empregar tecnologias avançadas de pesquisa; 3) apostar em uma pesquisa orientada para a inovação; 4) reforçar a análise dos fenômenos além da simples descrição dos casos; 5) abrir a pesquisa para tópicos e áreas pouco atendidos.

## **2. Redes de Pesquisa e Pesquisa em Rede**

A organização da Ciência é, de fato, algo *sui generis* se pensamos em sua constituição e seu funcionamento. Neste sentido, Pena, (1978, p. 47) afirma que “enfocar a ciência como um sistema autônomo e independente das sociedades, com leis próprias de funcionamento, permite que se ilumine a problemática relativa à sua constituição interna, ao seu modo específico de trabalho e a seus princípios legitimadores”.

Ao tratar desenvolvimento institucional da profissão acadêmica, interessante retomar o trabalho de Carlotto e Garcia (2017, p. 3), que recordam a natureza particular e o desenvolvimento institucional específico do trabalho acadêmico que, segundo elas, permite vislumbrar sua configuração “como profissão moderna, marcada por um alto grau de especialização e uma relativa dose de autonomia que, juntos, permitiram aos profissionais da academia internalizar o controle sobre o próprio trabalho”. Não deixa de ser, por outro lado, um espaço de conflitos que, como lembram, “requer um olhar atento para as disputas em torno da sua organização e para o papel que o conhecimento especializado desempenha nesse processo” (CARLOTTO e GARCIA, 2017, p. 2).

Ao revisitar a história desta organização da Ciência, Brandão, Rollo e Queiroz (2019, p. 214) refletem como “o processo de institucionalização da ciência moderna remete para a história das instituições científicas”. Ao abordar experiências históricas de sua organização, reconhecem o papel determinante do financiamento do poder político, da intervenção governamental e das guerras na organização da Ciência ocidental. Sobre esta história, Rollo e Queiroz (2019, p. 219) destacam um trajeto importante, “superando sucessivas tentativas, respondendo aos estímulos conjunturais, no sentido de criar uma organização compreensiva da ciência enquanto instituição, dentro do Estado, mas em relação com o conjunto das entidades tanto públicas como privadas(...)”.

Mesmo tendo em vista sua natureza autônoma e terrenos de disputa, são vários os atores e formas de organização da Ciência, que, de forma descentralizada, atuam de forma sinérgica no financiamento, na representação dos cientistas e na mediação da comunicação científica, um dos elementos mais importantes da sua coesão. Neste sentido estão as universidades (e toda sua estrutura organizacional), as sociedades científicas, as agências de fomento e os organismos governamentais, os grupos de pesquisa e as redes científicas.

No Brasil, evidente o papel das universidades no desenvolvimento científico e tecnológico, uma vez que nelas é conduzida a maior parte da pesquisa nacional, especialmente nas instituições públicas. Neste sentido, corroboram os dados divulgados pela Clarivate Analytics (2019), que afirma categoricamente que “as universidades públicas são a principal fonte de publicações de pesquisa no Brasil” e que 15 instituições públicas produzem 60% da ciência brasileira.

Naturalmente, as instituições privadas também têm participação na pesquisa nacional, mas prevalece, como se verifica também neste caso, o apoio governamental. Financiamento que é coordenado por estruturas como o CNPq e a CAPES, em nível federal, bem como as Fundações de Apoio à Pesquisa (FAPs) estaduais.

Entre as estruturas e indicadores utilizados por estas instituições destaquem-se duas bases de dados amplamente conhecidas em todo o sistema nacional de pesquisa: o Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP)<sup>2</sup> e a Plataforma Lattes<sup>3</sup>.

Apesar da ampliação do uso de outras bases de dados científicas de cunho internacional, como o Researchgate<sup>4</sup>, ORCID ID<sup>5</sup>, entre outros, é frequente a referência ao DGP e ao Lattes nos editais e chamadas de apoio científico, bem como nas revistas científicas nacionais.

O DGP é, segundo o CNPq, um inventário dos grupos de pesquisa (GP) científica e tecnológica em atividade no Brasil. O Diretório reflete, de acordo com o Conselho, a atividade permanente de pesquisa numa instituição, com informações que descrevem “os limites e o perfil geral da atividade científico-tecnológica no Brasil” (CNPq, s.d.). Dentre as informações que são recolhidas na base, estão dados sobre:

(...) recursos humanos constituintes dos grupos (pesquisadores, estudantes e técnicos), às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades do conhecimento, aos setores de aplicação envolvidos, à produção científica, tecnológica e artística e às parcerias estabelecidas entre os grupos e as instituições, sobretudo com as empresas do setor produtivo.

A base é reconhecida entre os pesquisadores e instituições que a utilizam como referência e para visibilidade de seu trabalho. Segundo Valentim (2007, p. 4), “têm papel fundamental para dar lastro à pesquisa desenvolvida por um determinado grupo de docentes/pesquisadores, assim como têm papel fundamental quanto à integração do ensino, pesquisa e extensão no âmbito universitário”.

Desde 2014 o DGP também reúne informações sobre a participação de grupos em redes de pesquisa, o que demonstra um esforço do reconhecimento destas estruturas no desenvolvimento da pesquisa brasileira.

<sup>2</sup> <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/home>.

<sup>3</sup> <http://lattes.cnpq.br/>.

<sup>4</sup> <https://www.researchgate.net>.

<sup>5</sup> <https://orcid.org>.

.....

Além de sua criação no âmbito da SBPJor, a Rede JorTec figura neste inventário a partir do seu reconhecimento pelos GP que a compõem, dentre eles os grupos de Ciberjornalismo, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS); de Pesquisa Aplicada em Ciência, Informação e Tecnologia, da Universidade Federal do Paraná (UFPR); Hipermissão e Linguagem, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Interfaces Sociais da Comunicação: Mídias e Educação, Políticas e Culturas, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU); e Inovação e Convergência na Comunicação, da Universidade Federal do Pará (UFPA).

No âmbito internacional, alguns destes grupos e pesquisadores da JorTec também integram a Rede Internacional de Investigação em Ciberjornalismo (RIIC)<sup>6</sup>, que, além do reconhecimento de autores e publicações no âmbito do Ciberjornalismo, se vislumbra a partir de uma agenda conjunta de eventos internacionais, entre eles o CIBERJOR – Congresso Internacional de Ciberjornalismo, realizado em Campo Grande, Brasil; o COBCIBER – Congresso Internacional de Ciberjornalismo, em Porto, Portugal; o *Congreso de Periodismo Digital*, em Huesca, Espanha; o *Congreso Internacional de Ciberperiodismo*, em Bilbao, País Basco; o *Foro Internacional de Periodismo Digital*, em Rosário, Argentina; o ISOJ – *International Symposium on Online Journalism*, no Texas, EUA; e o ONA – *Online News Association Conference*.

Ainda no esforço de reconhecimento das redes brasileiras de pesquisa, importante lembrar que em 2008 já havia sido criado o Programa Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia (INCTs), que têm, entre os pilares que o consolidam, a formação de redes de pesquisa. Segundo o CNPq (s.d.), “A organização de redes proporciona a consolidação dos grupos de pesquisa, o intercâmbio de conhecimentos e a ampla abrangência do programa, fomentando a pesquisa de norte a sul do país”.

Apesar da proposta arrojada, desde sua criação houveram apenas três chamadas para candidaturas ao Programa, em 2008, 2010 e 2014. A partir destas convocatórias foram criados 121 INCTs: 8 na área de Agrárias; 10 em Energia; 12 em Engenharia e Tecnologia da Informação; 11 em Exatas e Naturais; 10 em Humanas e Sociais; 21 em Ecologia e Meio Ambiente; 10 em Nanotecnologia; e 39 na área de Saúde<sup>7</sup>. Distribuição

<sup>6</sup> <http://wordpress.ubi.pt/riic/>.

<sup>7</sup> Segundo dados disponíveis em <http://inct.cnpq.br/institutos>.



que, por si só, revela uma percepção sobre prioridades em relação a áreas do saber no financiamento da Ciência brasileira.

Sem uma continuidade de apoio à pesquisa em rede, neste sentido, os principais aportes financeiros do CNPq têm se dado a partir de editais específicos, a exemplo da Chamada Universal, em relação ao qual a JorTec obteve financiamento de pesquisa em rede, conforme Chamada Pública MCTI/CNPq nº 14/2013 - Universal.

Com ou sem apoio desta infra-estrutura financeira, as redes de pesquisa continuam desenvolvendo seu trabalho, de forma voluntária, vinculado às associações científicas, ou com apoio pontual de editais institucionais para Iniciação Científica, Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado.

### **3. Constituindo um Protocolo de Pesquisa Ciberjornalística em Nacional e em Rede**

É desafiador propor um tipo de pesquisa colaborativa e com participação coletiva. Isto envolve desde a busca por consensos até o respeito à diversidade e ao rigor do método científico. Neste caminho, a JorTec já experimentou procedimentos como a articulação em torno de sub-projetos, vinculados a eixos temáticos, com objetivo de compartilhar e incentivar a pesquisa aplicada visando à experimentação e criação de inovações tecnológicas digitais nos processos de captação, produção, empacotamento, transmissão e distribuição de conteúdos jornalísticos. (LIMA JUNIOR, 2015).

Em Lima Junior e Botelho-Francisco (2017, p. 21-22) encontra-se a formalização de alguns princípios que nortearam este trabalho: escrita coletiva e colaborativa (Wiki), pesquisa aplicada e pesquisa experimental.

Além destas perspectivas de pesquisa, a JorTec tem como princípio o trabalho em rede por entendê-las como estruturas favorecedoras da conexão entre pesquisadores de diversos níveis e espaços geográficos diferentes em torno de problemas comuns que necessitam de uma visão ampliada e colaborativa para que sejam solucionados ou respondidos pela Ciência. Neste sentido, as redes congregam compromisso de atores interessados em realizar trabalhos compartilhados, de forma associada e voluntária, mantendo autonomia e identidade. (LIMA JUNIOR e BOTELHO-FRANCISCO, 2017, p. 22)

.....

Importante recuperar deste trabalho as características do trabalho em rede (Autonomia, Valores e objetivos compartilhados, Conectividade, Participação Informação, Descentralização, Múltiplos níveis e Dinamismo) e a perspectiva da Ciência Aberta, com destaque para “integração de pesquisadores de diversas disciplinas e reestruturação na própria construção do conhecimento para atacar questões mais amplas e complexas” (LIMA JUNIOR e BOTELHO-FRANCISCO, 2017, p. 23).

Para avançar neste trabalho tem se mostrado necessário o compartilhamento de outros pressupostos que permitam atuar com maior velocidade no atendimento de demandas comumente identificadas pela Rede e que aproveitem as *expertises* dos atores que a compõem. Neste sentido, a partir de uma observação participante e da revisão documental e da literatura, constrói-se a proposta do Protocolo de Pesquisa Ciberjornalística Nacional e em Rede (PPCNR), com objetivo de apresentar um plano de trabalho ampliado para os Grupos de Pesquisa vinculados à JorTec.

Protocolo é entendido, neste trabalho, como um acordo entre as partes envolvidas na pesquisa, um instrumento que visa definir, de modo simplificado, alguns princípios e regras básicos, com a meta final de alcançar um objetivo coletivo e comum e a partir de elementos de uma natureza. Apesar de não ser um jargão comum nos estudos de Ciberjornalismo, o termo é amplamente usado nas ciências Biológicas e da Saúde, sendo obrigatório seu registro na Plataforma Brasil<sup>8</sup> para pesquisas envolvendo seres humanos. Neste âmbito, a Norma Operacional nº 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) (MS, 2013, p. 14) define Protocolo de Pesquisa como “conjunto de documentos, que pode ser variável a depender do tema, incluindo o projeto, e que apresenta a proposta de uma pesquisa a ser analisada pelo Sistema CEP-CONEP”. A Resolução nº 466/2012, também do CNS (MS, 2012), traz a seguinte definição: “conjunto de documentos contemplando a descrição da pesquisa em seus aspectos fundamentais e as informações relativas ao participante da pesquisa, à qualificação dos pesquisadores e a todas as instâncias responsáveis”.

O PPCNR não parte dos critérios estabelecidos pelo CNS, dada sua natureza, mas igualmente contém um conjunto de variáveis no sentido de proporcionar o planejamento e a leitura crítica, global e coesa de projetos. Neste sentido, ele é proposto

---

<sup>8</sup> <http://conselho.saude.gov.br/plataforma-brasil-conep?view=default>.

.....

a partir da composição de seis elementos: 1) Agenda de Pesquisa; 2) Referenciais Teórico-Epistemológicos; 2) Referenciais de Métodos e Técnicas de Coleta de Dados; 3) Curadoria Digital; Referenciais para Análise de Dados; e Referenciais para Comunicação Científica. A seguir são descritos cada um dos elementos:

(a) **Agenda de Pesquisa:** problemas, demandas e temas de pesquisa de interesse do âmbito do Ciberjornalismo, reconhecidos pela Rede e seus GP como fenômenos do campo de saber que merecem especial atenção.

(b) **Pressupostos Teórico-Epistemológicos:** referenciais clássicos e basilares, reconhecidos pela Rede e seus grupos, que colaboram para situar projetos no âmbito dos estudos em Ciberjornalismo.

(c) **Métodos e Técnicas de Coleta de Dados:** critérios, métodos e técnicas para amostragem, seleção e coleta sistematizada de dados de uma mesma natureza, compartilhados pela Rede, com objetivo de replicar estudos em diferentes localidades e contextos.

(d) **Curadoria Digital:** técnicas, regras e referências para custódia de dados de pesquisa científicos, prevendo aspectos de memória e reuso de dados.

(e) **Referenciais para Análise de Dados:** critérios, métodos, técnicas e categorias de análise compartilhadas pela Rede, que colaboram para estudos de uma mesma natureza em sentido de comparação e generalização.

(f) **Financiamento:** previsão de submissão de sub-projetos em chamadas e editais de agências de fomento, bem como articulação de outras fontes de financiamento indiretas, em âmbito local, vinculados a Programas de Pós-Graduação ou iniciativas de Iniciação Científica.

(g) **Ética na pesquisa:** pressupostos éticos e de privacidade previstos na coleta e armazenagem de dados de pesquisa, bem como nos projetos envolvendo seres humanos, quando previsto.

(h) **Referenciais para Comunicação Científica:** estratégias de publicação e visibilidade dos resultados da pesquisa em Rede.

.....

Como se pode notar na proposta, o Protocolo não é uma “camisa de força” ou algo que deponha contra liberdade investigativa, mas uma forma de planejamento e organização de pesquisas em rede, de forma que os resultados obtidos possam refletir um esforço coletivo e articulado de atores acadêmicos, inclusive numa perspectiva de otimização de recursos financeiros que já estão disponíveis nas localidades.

Obviamente, esta versão do PPCNR deve ser considerada um protótipo, uma vez que necessita ser amplamente discutida e experimentada no âmbito da JorTec, no sentido sua aceitação pelo grupo e de seu aprimoramento de forma coletiva. Pressupõe-se, neste processo, que ela avance e mantenha-se numa perspectiva de abertura, em constante revisão e como um conhecimento de reconhecida autoria da Rede.

#### 4. Tecnologias e competências digitais: um exercício de protocolo

No sentido de uma prova de conceito do PPCNR este tópico do trabalho busca aplicar o modelo a uma Agenda de Pesquisa específica, no caso as Competências Digitais, tema escolhido a critério de conveniência para exercitar conceitos.

<b>Agenda de Pesquisa:</b> O objetivo é identificar e descrever competências digitais; posse e uso de tecnologias digitais; e iniciativas midiáticas convergentes e inovadoras de estudantes de Jornalismo brasileiros.
<b>Pressupostos Teórico-Epistemológicos:</b> Botelho-Francisco, 2017; Botelho-Francisco, 2019; Cunha e Palacios, 2016; Grizzle, 2016; Lucas e Moreira, 2017; Palacios, 2011; Palacios, 2016; Passarelli e Angeluci, 2018; Ponto BR, 2019; Salaverría, 2019; Unesco, 2016.
<b>Métodos e Técnicas de Coleta de Dados:</b> Aplicativo Survey (perspectiva quantitativa, com referenciais de amostragem mínima local, estratificadas por idade, gênero e situação socioeconômica) e Entrevista Semi-estruturadas ou Grupo Focal (perspectiva qualitativa, com aprofundamento do tema com atores envolvidos voluntários).
<b>Curadoria Digital:</b> Repositórios de Dados Científicos Abertos das IFES.
<b>Referenciais para Análise de Dados:</b> Análise Estatística e de Conteúdo.
<b>Financiamento:</b> Editais de IC, PPGs.
<b>Ética na pesquisa:</b> Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).
<b>Referenciais para Comunicação Científica:</b> Mesas Coordenadas da JorTec/SBPJor; CiberJor; Eventos Científicos da RIIC; e Revistas científicas nacionais e internacionais indexadas na WoS, Scopus, Scielo e DOAJ.

**Quadro 1** – Protocolo de Pesquisa sobre tecnologias e competências digitais de estudantes de jornalismo

**SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**  
**18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**  
**3 a 6 de Novembro de 2020**

.....

<b>Fase</b>	<b>Descrição</b>	<b>Responsáveis</b>	<b>Prazos</b>	<b>Metas</b>
1	Discussão, planejamento, elaboração e publicação do Protocolo	Líderes dos GP	A definir	1) Artigo publicado, com discussão teórica do problema e do tema; 2) Protocolo disponibilizado, com sistematização das funcionalidades do App, roteiros semiestruturados para entrevista e Grupo focal; 3) Modelo de TCLE disponibilizado; 4) Repositórios de dados identificados e disponíveis para custódia;
2	Execução da pesquisa quantitativa	GP, por meio de projetos de IC, Mestrado e Doutorado		5) <i>App</i> disponível e difundido em diferentes regiões; 6) Dados depositados em Repositório Institucional; 7) Dados regionais analisados e publicados em eventos científicos; 8) Dados nacionais sistematizados e publicados em periódico científico;
3	Execução da pesquisa qualitativa			5) Entrevistas e grupos focais conduzidos em diferentes regiões; 6) Dados (gravações e transcrições) depositados em Repositório Institucional; 7) Dados regionais analisados e publicados em eventos científicos; 8) Dados nacionais sistematizados e publicados em periódico científico.

**Quadro 2** – Proposta de execução de Protocolo de Pesquisa sobre tecnologias e competências digitais.

Sobre os temas propostos no Protocolo, há que conceituar especialmente as Competências Digitais a partir da ideia das Literacias Emergentes de Atores em Rede, no sentido do que é apresentado em Botelho-Francisco (2017), que as compreende a

partir de um processo de apropriação consciente do ciberespaço, numa postura de aprendizado dinâmico, colaborativo e constante. A ideia avança a partir de Gilster (1997) para descrever conhecimentos, habilidades e atitudes em avaliação crítica, busca e produção de conteúdo, em múltiplos formatos, proveniente e presente em diversas fontes mediadas pela informática.

Naturalmente o conceito de Competências Digitais é amplo, complexo e multifacetado, havendo diferentes terminologias em sua conceituação, especialmente numa perspectiva interdisciplinar. No entanto, destacam-se iniciativas como as da Unesco (GRIZZLE, 2016) e da União Européia (LUCAS e MOREIRA, 2017), que buscam organizar quadros de referência para atuação governamental e institucional em processos de avaliação, formação, capacitação e políticas públicas.

Importante compreender o conceito, neste sentido, para muito além da posse de tecnologia, em seu uso e apropriação. Por este motivo, o Protocolo proposto para Rede une à perspectiva da identificação das tecnologias presentes no cotidiano dos estudantes de Jornalismo, as próprias competências digitais e as iniciativas midiáticas que possam ser caracterizadas num cenário de convergência midiática e de inovação digital. A descrição das tecnologias usadas, apropriadas e desenvolvidas por este grupo social é, por si só, um ótimo indicador da prática e de tendências no âmbito do Ciberjornalismo no ambiente acadêmico.

### **Considerações finais**

O Protocolo de Pesquisa Ciberjornalística Nacional e em Rede sobre tecnologias e competências digitais de estudantes de Jornalismo deve ser compreendido neste artigo como um modelo em construção, algo que precisa ser aprimorado a partir do ambiente coletivo e colaborativo da JorTec. Neste sentido, a sua execução depende das próprias negociações, controvérsias, contratos e financiamentos próprios do ambiente acadêmico, conforme previamente ensaiado neste trabalho. No entanto, é também uma oportunidade caçada na história, estrutura e capilaridade da Rede, que pode se aproveitar do seu arcabouço científico e de seus Grupos de Pesquisa como uma força a ser aproveitada.

## Referências

- BOTELHO-FRANCISCO, R. E.. Literacias emergentes em contextos digitais. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 13, p. 4-26, 2017.
- BOTELHO-FRANCISCO, R.. Alfabetizaciones emergentes de periodistas en red: conocimientos, habilidades y actitudes en entornos de Ciberperiodismo. In: Jesús Flores Vivar. (Org.). **Tecnologías del Ecosistema Periodístico**: Realidad inmersiva, drones y otras tecnologías disruptivas en la nueva ecología de medios. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2019.
- BOTELHO-FRANCISCO, R. E.; LONGHI, R. R.; OLIVEIRA, A. A. de. Métodos e perspectivas de pesquisa em rede: um estudo bibliométrico da produção científica da Rede JorTec/SBPJor. Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 17., 2019, Goiânia, GO. **Anais...** São Paulo: SBPJor, 2019.
- BRANDÃO, T.; ROLLO, M. F.; QUEIROZ, M. I.. Revisitando a história da organização da ciência: agências de política científica em perspectiva comparada. **R. Technol. Soc.**, v. 15, n. 35, p. 212-246, 2019.
- CARLOTTO, M. C.; GARCIA, S. G.. Novos saberes, novas hierarquias: disputas contemporâneas em torno da profissão acadêmica. **Rev. bras. Ci. Soc.**, v. 33, n. 96, 2018.
- CLARIVATE ANALYTICS. **Research in Brazil**: Funding excellence. Analysis prepared on behalf of CAPES by the Web of Science Group. 2019.
- CNPq. **Diretórios dos Grupos de Pesquisa no Brasil**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/>. Acesso em 23 Jul. 2020.
- CNPq. **Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia**. Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/>. Acesso em 23 Jul. 2020.
- CUNHA, E. M.; PALACIOS, M. (Org.). **Ferramentas para análise de qualidade no ciberjornalismo**: aplicações. Covilhã Portugal: Editora LabCom.IFP, 2016.
- GILSTER, P. **Digital literacy**. San Francisco, CA: John Willey & Sons, 1997.
- GRIZZLE, A.. **Alfabetização midiática e informacional**: diretrizes para a formulação de políticas e estratégias. Brasília: UNESCO, Cetic.br, 2016.
- KARLSSON, M.; SJØVAAG, H.. Introduction: Research methods in an age of digital journalism. **Digital Journalism**, v. 4, n. 1, p. 1-7, 2016.
- LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: EDUSC, 2001.
- LIMA JR., W. T.. Projeto Rede JorTec: produção colaborativa de pesquisa visando à experimentação e criação de inovações tecnológicas digitais. **C&S**, v. 37, n. 1, p. 47-68, 2015.
- LIMA JÚNIOR, W. T.; BOTELHO-FRANCISCO, R. E.. Produção colaborativa de pesquisa aplicada na consolidação de rede científica: um relato sobre a experiência da Rede JorTec/SBPJor. In: Rodrigo Eduardo Botelho-Francisco et al. (Org.). **Pensar em Rede**: Pesquisa Aplicada em Jornalismo e Tecnologias Digitais. Macapá: UNIFAP, 2017.

**SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**  
**18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**  
**3 a 6 de Novembro de 2020**

.....

LUCAS, M.; MOREIRA, A.. **DigComp 2.1**: Quadro Europeu de Competência Digital para Cidadãos: Com oito níveis de proficiência e exemplos de uso. Aveiro: UA, 2017.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Norma Operacional nº 001/2013**. Disponível em [http://www.hgb.rj.saude.gov.br/ceap/Norma\\_Operacional\\_001-2013.pdf](http://www.hgb.rj.saude.gov.br/ceap/Norma_Operacional_001-2013.pdf). Acesso em 23 jul 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Resolução nº 466**, de 12 de Dezembro 2012. Disponível em [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em 23 jul 2020.

Núcleo de Informação e Coordenação Ponto BR. **Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação na escolas brasileiras**: TIC educação 2018. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.

PALACIOS, M. (Org.). **Ferramentas para análise de qualidade no ciberjornalismo**: modelos. Covilhã Portugal: Editora LabCom.IFP, 2016.

PASSARELLI, B.; ANGELUCI, A. C. B.. Conectividade contínua e acesso móvel à informação digital: jovens brasileiros em perspectiva. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 28, n. 2, 2018.

PENA, M. V. J.. Notas sobre o estado e a organização da ciência. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v.9, n.1/2, p.41-56,1978.

SALAVERRÍA, R.. Digital journalism: 25 years of research. Review article. **El profesional de la in formación**, v. 28, n. 1, 2019.

UNESCO. **Marco de Avaliação Global da Alfabetização Midiática e Informacional**: Disposição e Competências do País. Brasília: UNESCO, Cetic.br, 2016.

VALENTIM, M.. Instrumentos Integradores do Ensino, Pesquisa e Extensão: o caso dos Grupos de Pesquisa. **F@ro: revista teórica del Departamento de Ciencias de la Comunicación**, n. 5, 2007.